

Além disso, manda arrasar a casa do dr. Claudio, onde julgava estarem acoutados os mandatarios dos horrorosos e sacrilegos attentados. Tropas cercam o engenho de Francisco Viegas, pae de Pacheco; sentinellas são postadas nas estradas, que conduzem a Minas e S. Paulo. Ha diversos encontros, em que são feridos alguns soldados e pessoas do sequito dos criminosos, que haviam fugido para os mattos.

A população da cidade fica em alvoroço e propõe-se a tirar desforra dos parentes de Amaral.

Estavam as cousas nesse pé, quando, saindo ás 11 horas da noite o padre Claudio em companhia de seu parente o padre Ignacio Corrêa, foram atacados de emboscada por um grupo de populares. O padre Ignacio falleceu logo e o padre Claudio, recolhido á Misericordia, falleceu tres dias depois, victima dos ferimentos por arma de fogo.

Ignoramos si seus restos mortaes foram inhumados na Sancta Casa, ou si foram levados à capella da Gloria (segundo o disposto na escriptura da doação), pelos ermãos da confraria.

Essa dúvida toma vulto quando pelo capitulo 12º do Compromisso lemos: «os ermãos desta Irmandade não acompanharão os ermãos defuntos á sepultura por causa da distancia que ha da cidade á egreja.»

Naturalmente, em favor do illustre morto, foi aberta excepção.

Elle a mereceu como grande benfeitor que havia sido do patrimonio de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro.

26 de Agosto de 1902.

O COLLEGIO DOS JESUITAS

Por alvará de 3 de Septembro de 1759 são os regulares da Companhia de Jesus havidos como rebeldes, traidores, declarados proscriptos, exterminados, desnaturalizados e expulsos de Portugal e seus dominios.

Encarregado de executar tão severas medidas, deu como é sabido, cumprimento a ellas, aqui no Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade.

Os discipulos de Loyola tiveram de abandonar a casa, situada no morro da Sé ou alto de S. Sebastião (hoje do Cas-

tello), a qual lhes havia servido de residencia durante cêrca de cento e noventa e dous annos.

E agora que mais vez está desoccupado esse trisecular edificio, um dos mais antigos desta cidade, vem de molde, em simples apontamentos, narrar successos historicos que tiveram por theatro esse casarão pintado de amarello, que depois de servir de convento, de palacio ao vice-rei d. Antonio Rolim de Moura, abrigou dentro de suas grossas paredes e sob seus tectos abobadados a nossa Eschola de Medicina e foi, enfim, por muito tempo, hospital de soldados.

Já não é a mesma a architectura externa: grandes e rasgadas janellas substituiram as pequenas aberturas, por onde penetrava a luz, desde o tempo em que o conde da Cunha pretendeu mudar para o alto a residencia dos representantes do rei.

Pelas mudanças porque passaram os commodos internos não é possivel saber o lugar, onde estavam collocadas as cellas em que viveram Anchieta, Gouvêa, Cardim e os cubiculos, em que falleceram Manuel da Nobrega, o historiador Simão de Vasconcellos e tantos outros luminares da Companhia, cujos nomes podem ser lidos na *Bibliotheca Lusitana*, do abbade Diogo Barbosa Machado.

Já se não pôde ver o salão da bibliotheca, onde tantas resoluções importantes foram tomadas com relação ás cousas do Brasil, não se dedignando governadores de subir as ingremes ladeiras para tomar conselho dos padres, nos tempos aureos da Ordem.

Guias das consciencias, eram elles os supremos directores da opinião pública, monopolizadores do ensino : a tudo presidiam, não se tocando em uma palha sem que fôsse ouvidos.

Firme em seus profundos alicerces, tendo aos pés a bahia e a cidade velha, lá está o collegio, ainda o collegio, a dominar impavido, como nos tempos de prosperidade.

Alli encontraremos os vestigios do caminho por onde, a subir a Sancta Luzia, deviam transitar as carruagens do vice-rei. Aqui essa famosa portaria, onde se realizaram acontecimentos importantes. Lá essa fortificação construida, segundo nos refere o grande Antonio Vieira, em 1623, quando no govêrno de Martim de Sá se esperava a cada momento no Rio de Janeiro uma invasão de Hollandezes.

Muralhas tão bem feitas e tão solidas que, em nossos dias, puderam supportar o choque das bombas e metralhas, no tempo da revolta. Acolá contemplam-se ainda os gigantescos botaréos, que sustentam o immenso pêso daquela grande móle granítica,

em cujas entranhas, segundo é fama, ha tortuosos corredores, subterraneos mysteriosos e medonhas cryptas.

Já não sôa como outr'ora o velho relogio annunciando, com precisão mathematica, aos antigos Cariocas, as horas do dia e da noite.

Erma está a velha egreja de Sancto Ignacio, em cujo pulpito brilharam as summidades da Companhia nos grandes dias da patria e da religião.

Estão apagadas as lampadas, que ainda ha pouco allumiavam a severa e escultural imagem do Senhor dos Perdões feita ha mais de dous seculos.

Tudo é silencio e abandono.

Muita gente ha, que nem por méra curiosidade foi admirar o arco cruzeiro, as capellas fundas, as columnas de pedra, capiteis de marmore, ruinas monumentaes do novo templo, que os Jesuitas projectavam levantar, quando foram feridos pelo decreto de expulsão, e nas quaes mão mysteriosa havia, em grandes caracteres negros, inscripto: *ainda depois de destruida, Babylonia é grande!*

Que pretenderão fazer do antigo collegio do morro do Castello? Que destino lhe vão dar? Não o sabemos.

Enquanto o ignoramos, lembremos como em tempos idos a perseverança dos filhos de Loyola ergueu este edificio, ao qual está ligada grande parte da historia da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda combatia Estacio de Sá, em Villa Velha, juncto ao Pão de Assucar, Francezes e Tamoios, e já os Jesuitas previdentes e practicos da vida pediam e obtinham immensa sesmaria, que partindo do rio Iguassú ou Catumbí ia terminar na tapêra de Inhaúma.

Era nesse tempo procurador da Companhia o incançavel padre Gonçalo de Oliveira, cujos serviços são narrados pelos chro-nistas do tempo.

Transferida por Mem de Sá a sêde da povoação, em Março de 1567, para o morro, depois do Castello, obtiveram desse 3º governador geral sitio, onde pudessem levantar casa para cincoenta congregados. A liberalidade do cardeal d. Henrique e de d. Sebastião não se fez esperar: donativos, esmolos, as custas, os processos e as multas, tudo era applicado á construcção do «mosteiro de Jesus». Auxiliados pelo braço dos indigenas das duas aldeias de S. Lourenço e São Barnabé, foi facil a Nobrega e a seus companheiros irem, pouco e pouco, levantando edificio de pedra e cal, substituindo as primeiras e ligeiras construcções de taipa de mão. Já em 1583, quando aqui esteve o

padre Fernão Cardim, na reitoria do padre Ignacio de Tolosa, tal era a abundancia do refeitório do collegio do Rio, que aquelle padre não podia determinar si seria superior ou não ao de Coimbra!

«A cêrca, accrescentava, é cousa formosa com muitas laranjeiras como as duas cêrcas de Evora, com um tanque e fonte, mas não se bebe della por a agua ser salobra, muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras fructas da terra. Tambem tem uma vinha que dá boas uvas; os melões se dão no refeitório quasi meio anno e são finos; nem falta couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos e outros generos de hortaliça de Portugal, em abundancia. O refeitório é bem provido do necessario, a vacca na bondade e gordura se parece com a d'Entre Douro e Minho. O pescado é vario e muito — e são para ver as pescarias da sexta-feira e quando se compra vai o arratel a quatro réis e se é peixe sem escama a real e meio e com um tostão se farta toda a casa e residem nella de ordinario vinte e oito padres e ermãos, afóra a gente que é muita e para todos ha.»

Para andamento das obras do collegio construíram os Jesuitas na praia da Piassaba (hoje rua da Misericórdia), engenhoso aparelho por onde eram levados ao alto do morro os materiaes e os productos da lavoura dos engenhos e fazendas.

Ainda hoje existe nesta cidade a travessa do Guindaste, pouco distante do local em que esteve esse elevador, cujos vestígios são notados nos fundos dos predios ns. 106 e 110 da rua da Misericórdia. De uma pedreira perto tiravam o necessario para dar á construcção do collegio essa solidez, que ainda hoje é admirada. Sua vastidão era tal, que em 1759 residiam só na casa da cidade 97 membros da Companhia, sem contar os noviços, serviços, sacristães, operarios e escravos.

Segundo a Informação escripta por Anchieta, em 1585, já estava concluido «um quarto do edificio e parte do outro, os cubiculos que estão feitos são 12 a 12 assobradados e forrados de madeira de cedro, a igreja é pequena e velha e as officinas, ainda que estão bem accommodadas, são mui velhas.

Sempre se faz algo no edificio, ainda que de vagar, por não haver tanta commodidade de cal e officiaes e, por não se pagarem 166 ducados que el rei d. Sebastião lhe deu de esmolas para as obras, etc.»

«Defronte do collegio está uma ilhota que serve de recreação nos assuetos, vão a ella por mar e está do collegio um quarto de meia legua.» Na opinião do emerito Capistrano tracta-se aqui da ilha das Cobras, então chamada da Madeira, vendida mais tarde aos Benedictinos. Em nosso humilde pensar, jul-

gamos antes ser a ilha de Villegaignon, que por muitos annos continuou a pertencer aos Jesuitas, como se pôde provar com o documento do *Archivo Municipal* (tomo 1º, pag. 270, 1894).

Não vem aqui ao caso referir o número de escravos possuidos pelos discipulos de Loyola, a extensão de terras de Sancta Cruz, Macacú, Engenho Velho, Engenho Novo, as propriedades urbanas, as sesmarias que lhes pagavam fóros e que faziam do antigo collegio o centro ou antes o grande escriptorio de transacções commerciaes, que são, talvez com exageração, narradas na denúncia, escripta pelo egregio Cepêda ao bispo d. frei Antonio do Desterro e enviada ao mais tarde marquez de Pombal.

Que os Jesuitas tiveram açougue, na portaria do collegio, não ha duvidar, como se collige da correspondencia trocada entre o Senado da Camara e o reitor e em parte publicada no já citado *Archivo Municipal* (vol. 3º, 1896).

Não nos é licito, no pequeno espaço de que dispomos, entrar em largas considerações sôbre a catechese dos Indios nem apreciar os meios que empregavam os Jesuitas para ter sujeitos os descendentes dos primeiros incolas do Brasil. Vem porém, aqui, a pêllo, narrar um acontecimento, a proposito da liberdade dos Indios, o qual ia causando nesta cidade uma verdadeira revolução e dando em resultado a destruição do collegio, a morte dos discipulos de Loyola ou, pelo menos, a expulsão delles como, pouco depois, aconteceu em S. Paulo, si não intervesse o bem conhecido Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o qual, como ninguém, sabia accender uma vela a Deus e outra ao Diabo! Tractando da expulsão dos Jesuitas de S. Paulo (1640) diz Pedro Taques na *Noticia Historica* (tomo 12º da *Revista do Instituto Historico*): «a causa principiou no Rio de Janeiro porque d. Francisco Xarque de Andela nas — Memorias dos padres jesuitas Simão Mazeta e Francisco Dias Tanho, impressas em Pamplona em 1867, conta que, tendo Tanho passado a Roma, obteve do papa Urbano VII a bulla confirmando outra de Paulo III, que declarava livres todos os indigenas da America, facto que deu causa á revolução.» Mas para Pedro Taques, Andela é suspeito por ser parcial dos Jesuitas e inimigo dos Paulistas, a quem chama *de lobos carniceiros*. Não merece credito. Não merece credito, porque, narrando o acontecido, só falla nas virtudes de Salvador Corrêa e finge desconhecer a escriptura de composição, que os Jesuitas assignaram por honra da firma vendo as cousas cheirar a chamusco.

Era pela execução da bulla o prelado Pedro Homem Albernaz, que annos depois tomou a roupeta.

Tudo ficou como dantes, segundo se pôde ver da leitura do mesmo documento de composição assignado pela Camara, repre-

sentantes do povo, pelos padres dr. d. Pedro de Moura, visitador geral, e o reitor padre José de Castro.

Posta em execução a bulla, os habitantes, que em suas fazendas e casas tinham como escravos os indigenas, eram obrigados a entregá-los, pois que pela mesma bulla eram declarados livres : — seria um 13 de Maio forçado !

A Camara e os moradores da cidade viram nisto uma trama jesuitica e que só elles queriam monopolizar a titulo de catechese o trabalho do Indio. D'ahi a revolução e mais tarde o accôrdo, pelo qual saiu um pouco arranhada a dignidade dos discipulos de Loyola.

Pertencente á collecção Pedro de Angelis, existe na Bibliotheca Nacional um manuscrito, que conta por miudo as occurrencias de então, elaborado pelo padre Luiz Lopes por ordem do padre Pedro de Moura. Segundo tal documento, o motim começou em 4 de Maio de 1640, fez explosão a 20, andando os insurgentes *com taes vozes e tal borbórinho que pareciam doidos ou endemoinhados*, e prolongou-se até 19 de Junho, sendo assignada a escriptura de accôrdo em 22 do mesmo mez.

Os Cariocas dêsse tempo tinham cabellinho na venta e em certo dia, galgando as ladeiras do Castello, e armados de machados, pretenderam arrombar a portaria do collegio. Si já houvesse nesse tempo, bombas de dynamite teria voado pelos ares a casa de Sancto Ignacio!

Falta-nos espaço e ainda ha muito a referir, si bem que em nota, sôbre o collegio e igreja da Companhia.

O que vai dicto é apenas um aperitivo apresentado a quem melhor do que nós possa desenvolver questões referentes ao verdadeiro papel da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro; a influencia dos filhos de Loyola sôbre a instrucção da mocidade e serviços prestados; qual o papel delles durante o tempo dos grandes descobrimentos das minas; as questões com a Camara sôbre a medição das sesmarias; os attritos com as outras ordens religiosas, maxime com os Benedictinos; o procedimento dos Jesuitas no tempo das duas invasões francezas, sobretudo a de Duguay-Trouin; a attitude ou antes as combinações e correspondencia com os Jesuitas de Hispanha e de Portugal durante a chamada guerra das Missões. Estes são outros tantos themas, que serviriam de capitulos a uma obra de folego — á qual bem caberia o titulo — *Memorias do Collegio de Jesuitas da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro*.

2 de Septembro de 1902.
